



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

DOS CONCEITOS ÀS CATEGORIAS DE INTERTEXTUALIDADE NO PORTAL WEB EDUCATIVO “MUNDOEDUCACAO.COM”



OF CONCEPTS TO THE CATEGORIES OF INTERTEXTUALITY IN THE EDUCATIONAL WEB PORTAL “MUNDOEDUCACAO.COM”

Mirna BISPO
Universidade Estadual do Piauí, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 24/06/2019 • APROVADO EM 12/11/2019

Resumo

Os portais web educativos têm se tornado meios de propagação de múltiplos conhecimentos, dentre eles, os de temática de ensino de Língua Portuguesa. A intertextualidade constitui-se em um dos assuntos explorados nesses portais, por isso, diante da complexidade que o tema desperta aos processos de leitura e produção de textos, propõe-se nesta pesquisa investigar as explicações didáticas dos conceitos e categorias da intertextualidade no portal web educativo mundoeducação.bol. Para esse intento, fundamenta-se o estudo nos aspectos do dialogismo e da intertextualidade bakhtinianos, conforme Fiorin (2016); suscita-se uma reflexão sobre intergenericidade e seu respectivo conceito proposto em Marcuschi (2008); e explica-se as categorias de intertextualidade em sentido restrito e em sentido amplo de Koch (2016), reorganizadas sob a nomenclatura intertextualidade *stricto sensu* e *latu sensu*

por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). O *corpus* deste trabalho consiste em figuras recortadas do portal web educativo mundoeducação.bol onde se analisa os conceitos e categorias da intertextualidade. Verifica-se que as explicações didáticas ocorrem de modo confuso, e, em decorrência disso, reorganiza-se essas explicações de acordo com o aporte teórico da Linguística Textual.

Abstract

The educational web portals have become means of propagation of multiple knowledge, among them, those of the theme of teaching of Portuguese Language. The intertextuality is one of the subjects explored in these portals, therefore, given the complexity that the theme arouses to the processes of reading and production of texts, it is proposed in this research to investigate the didactic explanations about the concepts and categories of intertextuality in the portal web educativo mundoeducacao.bol. For this purpose, the study is based on Bakhtinian aspects of dialogism and intertextuality, according to Fiorin (2016); there is a reflection on intergenerativity and its respective concept proposed in Marcuschi (2008); and explains the categories of intertextuality in the narrow sense and broad sense of Koch (2016), reorganized under the nomenclature intertextuality *stricto sensu* and *lato sensu* by Koch, Bentes and Cavalcante (2012). The corpus of this work consists of cut-out figures from the educational web portal mundoeducacao.bol where the concepts and categories of intertextuality are analyzed. It is verified that the didactic explanations occur in a confused way, and, as a result, these explanations are reorganized according to the theoretical contribution of Textual Linguistics.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Conceitos e Categorias. Portal web educativo.

KEYWORDS: Intertextuality. Concepts and Categories. Educational Web Portal.

Texto integral

Atualmente, os portais web educativos são importantes ferramentas de pesquisa que professores e alunos utilizam para buscarem e transmitirem informações. Essas novas tecnologias têm gerado novas formas de interação e mediação através do uso da linguagem cada vez mais diversificados.

Os textos nesses ambientes digitais são multimodais e interativos, e têm na intertextualidade um aspecto bastante evidente. Barton e Lee (2015) afirmam que até mesmo os gêneros expressos nos hipertextos dos portais se apresentam de forma híbrida. Diante desta situação, os autores constataram que pessoas tendem a reagir a essas recentes virtualidades utilizando a linguagem, seja para a comunicação pessoal ou para transmitirem informações mais específicas de um campo do saber científico. De certo é que esses espaços na internet têm ocasionado diversas reflexões por parte de diferentes pesquisadores, inclusive no âmbito da Linguística.

A proposta de pesquisa neste trabalho consiste em investigar como a intertextualidade é explicada em um portal web educativo, e se está em

conformidade com as bases teóricas da Linguística Textual (LT). Não investigaremos a intertextualidade como mecanismo textual-discursivo presente no hipertexto do portal, muito menos abordaremos o letramento com base na intertextualidade dos exemplares didáticos, embora esses possam ser objetos de futuras investigações. Chama-nos a atenção imediata, a maneira simplista com que esses portais tratam alguns conteúdos didáticos, em especial, o tema intertextualidade.

O presente estudo possui um viés dedutivo e de cunho bibliográfico, por isso selecionamos o aporte teórico de Fiorin (2016), Marcuschi (2008), Koch (2016), e Koch, Bentes e Cavalcante (2012) que discutem acerca dos conceitos e tipologias da intertextualidade.

Por se tratar de uma pesquisa dedutiva e de cunho bibliográfico, iniciamos a exposição da abordagem teórica para prosseguirmos aos procedimentos analíticos, com o intuito de investigar como o conteúdo intertextualidade foi explicado no portal web educativo¹ *mundoeeducação.bol* com temática de ensino de Língua Portuguesa do site da uol.

Este artigo organiza-se em seções que explicam a intertextualidade e sua fundamentação teórica. A seção “Conceito e categorias da intertextualidade no portal web educativo “*mundoeeducacao.bol*” analisa o conceito e as respectivas categorias de intertextualidade a partir de recortes de figuras do respectivo portal.

Portanto, considerando a complexidade do tema intertextualidade e a maneira como os portais explicam-na, urge a necessidade de investigarmos como são as explicações didáticas sobre essa temática, assim como propor novas análises através dos diferentes textos e gêneros expostos no portal como exemplares didáticos.

1 Intertextualidade

O termo intertextualidade surgiu na década de 1960, no âmbito da literatura, através de Julia Kristeva, que se reportou ao dialogismo bakhtiniano para criar o seguinte conceito: “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 60). Assim, iremos iniciar essa discussão teórica apontando as principais diferenças entre dialogismo e intertextualidade.

Na obra intitulada *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016) discute o que denominou discurso dialógico. Nessa mesma perspectiva, Fiorin (2016) firmou o termo dialogismo, que segundo ele, são 3 (três) os conceitos na abordagem bakhtiniana. A primeira denominação ocorre porque o dialogismo é a manifestação de vozes sociais em concordância ou conflito numa dada situação comunicativa, e relaciona-se a ideia de que todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos. Essa noção diz respeito ao fato de que o dialogismo é o princípio constitutivo de todo enunciado, e, portanto, todo enunciado é sempre heterogêneo, pois revela duas posições, a do enunciador que elabora a mensagem, a partir de outro a quem ele segue. Assim, o dialogismo nessa primeira acepção passa a ideia de “busca de acordo” que nem sempre está marcado no discurso, e pode ocorrer implicitamente.

O segundo conceito de dialogismo bakhtiniano exposto em Fiorin (2016, p. 37) é aquele “que se mostra no fio do discurso. Trata-se da incorporação pelo enunciador da (s) voz (es) de outro (s) no enunciado”. Nesse caso, o dialogismo é uma forma composicional, marcado através dos discursos direto e indireto, das aspas, e da negação. A partir dessa segunda concepção de dialogismo, que Bakhtin distingue o texto do enunciado.

Fiorin (2016) chama atenção para o fato de que o enunciado é um todo com sentido e tem natureza dialógica, enquanto o texto é a manifestação/materialização do enunciado. Assim o enunciado não é manifestado apenas verbalmente, pois está presente em qualquer conjunto de signos, seja qual for sua forma de expressão, e é sempre da ordem do sentido.

A intertextualidade, aparece nessa segunda visão bakhtiniana, como sendo as relações dialógicas materializadas nos textos. No entanto, existem outras diferentes relações que são estabelecidas entre os enunciados, o que implica a denominação interdiscursividade. (FIORIN, 2016). O terceiro conceito de dialogismo está relacionado ao aspecto da subjetividade levantada por Bakhtin. O sujeito dialógico é atuante, e o seu agir ocorre sempre em relação a outro indivíduo. O dialogismo é um princípio constitutivo do próprio sujeito que está em contato com diversas vozes sociais em concordâncias ou discordâncias.

Os conceitos de intertextualidade propostos pela LT correspondem a essas duas últimas noções de dialogismo bakhtiniano. Kristeva (citada em Fiorin, 2016) ao criar o termo *intertextualidade*, o faz sem perceber que apenas substituiu a nomenclatura dialogismo bakhtiniano, sem se atentar para as distinções entre os conceitos.

Importante ressaltar que autores como Marcuschi (2008), e Koch, Bentes e Cavalcante (2012) não utilizam a denominação dialogismo em seus conceitos, mas sim relações dialógicas ou possíveis diálogos entre os textos.

1.1 Conceitos e categorias de intertextualidade

O conceito de intertextualidade em Marcuschi (2008, p. 129-132) é o mesmo do Dicionário de Análise do Discurso (mencionado por ele e exposto no quadro 1 a seguir). Esse autor não chegou a elaborar suas próprias categorias de intertextualidade, mas expôs uma classificação oriunda de diferentes teóricos.

“Intertextualidade é uma propriedade constitutiva de qualquer texto é o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos”.			
Genette (1982)	Maingueneau (1984)	Koch (1997)	Authier-Revuz (1982)
Intertextualidade Paratextualidade Metatextualidade Arquitextualidade Hipertextualidade	Intertextualidade ≠ intertexto Intertextualidade interna ≠ externa	Intertextualidade em sentido amplo Intertextualidade em sentido estrito Intertextualidade explícita e implícita	Heterogeneidade mostrada Heterogeneidade constitutiva

Quadro 1 – Conceito e categorias de intertextualidade em Marcuschi (2008, p. 129-132)

Fonte: autoria própria

Mozdzinski (2009), discípulo de Marcuschi, critica veementemente o exacerbado uso de categorias e classificações da intertextualidade, que, segundo ele, deve ser estudada como fenômeno discursivo-cognitivo não apenas no plano da expressão verbal, mas também, em textos visuais e verbo-imagéticos.

Conforme o quadro 1, podemos perceber uma extensão significativa de tipologias da intertextualidade sendo que, na maioria das vezes, convergem para um mesmo aspecto textual/discursivo, como afirmou Mozdizinski (2009).

O conceito exposto no quadro 1 aproxima-se das concepções de intertextualidade, explorada, no dialogismo bakhtiniano.² Marcuschi (2008) no âmbito do estudo dos gêneros, denominou de intergenericidade (baseado na denominação intertextualidade tipológica, de Ulla Fix (1997), a intertextualidade entre formas e funções. Essa intergenericidade, segundo Marchuschi (2008), acontece porque um texto/gênero retoma a forma e a funcionalidade de outro texto/gênero transformando-se em um novo texto/gênero.

No caso de mistura de gêneros, adoto a sugestão da linguista alemã Ulla Fix (1997: 97), que usa a expressão “intertextualidade tipológica” para designar esse aspecto de hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. Pessoalmente, estou usando intergenericidade como a expressão que melhor traduz esse fenômeno. (MARCUSCHI, 2008, p. 165, grifo do autor).

Marcuschi (2008) explica bem como um novo gênero que passa pelo processo de hibridização se transforma formalmente e funcionalmente em um novo gênero, esse fenômeno é denominado por ele como intergenericidade.

Na perspectiva de estudo dos textos, ressalta-se as categorias de intertextualidade de Koch (2004, 2016) que foram ampliadas por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Essas autoras fazem uma reflexão sobre os conceitos de intertextualidade e polifonia, com o intuito de mostrar se ambos os termos devem designar o mesmo fenômeno, ou se não, se seria possível a distinção.

Koch (2016, p. 59) inicia suas explicações citando Barthes (1974) o qual afirma que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”. Interessante que a partir dessa citação, Koch (2016) traz a noção de texto como um objeto heterogêneo, que revela uma relação entre seu interior e exterior, sendo que nesse exterior existem outros textos que dão origem ao texto que com ele dialoga. Por isso, a intertextualidade, por ser um critério de textualidade, diz respeito aos modos como a produção e recepção de um texto dependem dos diversos conhecimentos compartilhados de outros textos. O modo como esses textos se relacionam é bastante diversificado, então, ela os categoriza em: intertextualidade em sentido amplo e intertextualidade em sentido estrito.

A intertextualidade em sentido amplo aproxima-se daquele conceito de interdiscursividade, ou heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1982, mencionada em KOCH, 2016).

Em sentido amplo, também podemos considerar o disposto por Maingueneau (1976), citado em Koch (2016, p. 60), que considera “o intertexto como um componente das condições de produção: ‘um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma posição”. Também nessa linha da Análise do Discurso, a autora cita Pêcheux (1969) para quem “o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio”.

Koch (2016, p. 61) examina inclusive a intertextualidade na proposta sociosemiológica de Véron (1980) no que tange a produção de sentidos, e inclui também a visão de Van Dijk e Kintsch (1983). Estes últimos comparam os textos produzidos socioculturalmente, a fim de verificar “as propriedades formais ou estruturais, comuns a determinados gêneros ou tipos que são armazenados na memória dos usuários sob a forma de esquemas textuais”. A intertextualidade nessa perspectiva é um fenômeno textual imprescindível para a produção e leitura de textos com base em processamento sociocognitivo e interacional dos interlocutores.

O quadro 2 demonstra sinteticamente as categorias e classificações da intertextualidade até então explicadas por Koch.

Intertextualidade em sentido amplo	Intertextualidade em sentido restrito	Polifonia
Interdiscursividade Heterogeneidade constitutiva Conceito de texto de Kristeva (1974)	Intertextualidade conteúdo X forma / conteúdo Intertextualidade explícita X implícita Intertextualidade das semelhanças X diferenças	Détournement

Quadro 2 – Categorias de intertextualidade em Koch (2004, 2016, p. 60-70)

Fonte: autoria própria

Destacamos aqui a afirmação de que Koch (2016) não considerou a polifonia como categoria de intertextualidade, colocamos-na no quadro ao lado das tipologias esboçadas por ela, em decorrência do *détournement* está incluso na seção do seu livro que trata de polifonia e intertextualidade. Posteriormente no capítulo 4 da obra “Intertextualidade: diálogo possíveis” Koch, Bentes e Cavalcante (2012) também revisitam essa distinção entre intertextualidade e polifonia.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012), ao ampliarem as categorias intertextuais de Koch (2004), reavaliam os mesmos conceitos, modificando as denominações intertextualidade em sentido amplo e em sentido restrito para intertextualidade *stricto sensu* e *lato sensu*. Apesar dessa mudança terminológica, não há distinção dos conceitos dessas categorias, sendo que as autoras continuam a evidenciar que a intertextualidade é um importante mecanismo de construção de sentido dos textos.

A intertextualidade *stricto sensu*, denominada apenas intertextualidade, ocorre quando “em um texto está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou memória discursiva dos interlocutores”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE; 2012, p. 17). Para que seja *stricto sensu* é necessário que o texto remeta a outros textos ou

fragmentos de textos em uma relação intertextual). Várias são as classificações elaboradas pelas autoras dentro dessa categoria. A primeira, elas denominaram intertextualidade temática.³

A segunda classificação, intertextualidade estilística, as autoras categoricamente afirmam que não há uma intertextualidade de forma, e defendem a ideia de que a forma apenas emoldura determinado conteúdo. Portanto, essa intertextualidade estilística ocorre quando “o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas” de outros textos (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 19). O conteúdo do texto-fonte relaciona-se ao intertexto por causa do estilo.

Em intertextualidade explícita, terceira categoria, podemos observar o conceito segundo o qual “no próprio texto, é feita a menção do intertexto, isto é, quando um outro texto ou fragmento é citado, atribuído a outro enunciado” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 28), tem-se as seguintes subclassificações de intertextualidade explícita: citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções, como também o recurso à autoridade nos textos argumentativos.

A intertextualidade implícita é a última classificação *stricto sensu*. Segundo as autoras, “tem-se intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 31). Destacam-se as paráfrases, por exemplo, em que o texto-fonte e o intertexto estão mais ou menos próximas. É o que Sant’Anna (1985) denomina de “intertextualidade das semelhanças”; Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de captação, isto é, o texto cujo objetivo é seguir a orientação argumentativa do texto-fonte.

Outra situação de intertextualidade implícita são os denominados enunciados parodísticos e/ou irônicos, tais como: as apropriações, as reformulações de tipo concessivo, a inversão da polaridade afirmação e negação, entre outros. Essas classificações são denominadas por Sant’anna de “intertextualidade das diferenças”; Grésillon e Maingueneau as rotulam como subversão, ou seja, são textos que contradizem o texto-fonte, ridicularizam ou argumentam em sentido oposto.

Ainda quanto a intertextualidade implícita, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) assinalam a presença do plágio como um tipo particular. Ao contrário dos demais, o produtor do texto deseja que o interlocutor não identifique o texto-fonte, uma vez que aparece de forma camuflada e assim deve permanecer.

Já o *détournement*, trata-se de caso especial, dentro da intertextualidade implícita. Criado por Grésillon e Maingueneau (1984), esse tipo de intertextualidade “consiste em produzir um enunciado com marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, através da retextualização de provérbios, frases feitas, ditos e canções populares, entre outros” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 46).

Em oposição a intertextualidade *stricto sensu*, há a categoria denominada intertextualidade *lato sensu*, isto é, quando “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro”. Esse conceito remonta a ideia introdutória de intertextualidade elaborado por Kristeva (1974).

Concebe-se a intertextualidade *lato sensu* “quando se relaciona gênero, intertextualidade e poder social” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 46), ou seja, as relações intertextuais não ocorrem através de textos isolados, mas como práticas discursivas dos gêneros em uma metagenericidade. As relações intertextuais estabelecidas a partir da forma composicional, conteúdo temático e estilo.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 189), apoiadas em Bauman e Briggs (1995), afirmam que os gêneros são essencialmente intertextuais, tanto os processos de produção, quanto de recepção de um determinado gênero partem de uma ligação com textos ou discursos anteriores. As autoras utilizam para a categoria de intertextualidade *lato sensu* as classificações: intertextualidade genérica – quando “os exemplares de cada gênero mantém entre si relações intertextuais no que diz respeito à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo”; e intertextualidade tipológica, “estratégias de estabelecimento de relações intertextuais, agora enfocando a aproximação e/ou distanciamento que os produtores dos gêneros e dos textos produzem de determinados tipos textuais” (p. 101).

As discussões até o presente momento suscitadas não se esgotam nesses referenciais teóricos, uma vez que as autoras indicam novos olhares sobre a intertextualidade a partir das perspectivas de Genette (1982) e ampliados pelas categorias de Piégay-Gros (1996).

Tanto Genette (1982) quanto Piégay-Gros (1996) elaboraram suas teorias sobre a intertextualidade com base em análises de textos literários, pois os estudos da intertextualidade nasceram vinculados a esses tipos de textos.

A fim de continuarmos com a proposta de didatização desta pesquisa, sintetizamos toda a exposição das categorias de intertextualidade de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) no quadro 3 a seguir.

Intertextualidade stricto sensu		Intertextualidade lato sensu
Intertextualidade temática		Intertextualidade genérica Intertextualidade tipológica
Intertextualidade estilística		
Intertextualidade explícita	<ul style="list-style-type: none"> - citações - referências - menções - resumos - resenhas - traduções - recurso à autoridade 	
Intertextualidade Implícita	<ul style="list-style-type: none"> - paráfrases - enunciados parodísticos - plágio - détournement 	

Quadro 3 – Categorias de intertextualidade (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, págs. 17-102)

Fonte: autoria própria

2 Conceitos e categorias da intertextualidade no portal web educativo “[mundoeducacao.bol](http://mundoeducacao.bol.br)”

Selecionamos para esta análise, o portal web educativo com temática de ensino de Língua Portuguesa “mundoeducacao.com.br”, que trata de modo específico do tema intertextualidade; recortamos o portal em figuras e verificamos nelas como os conceitos e categorias da intertextualidade foram explicados pela professora no portal. A partir dessas explicações didáticas, analisamos a intertextualidade com base nas abordagens da LT.

The image shows a screenshot of the website 'Mundo Educação'. At the top, there is a navigation bar with links for 'Disciplinas', 'Pesquisa Escolar', 'Vestibular', 'ENEM', 'Infantil', and 'Exercícios'. Below this is a large banner for 'ZATTINI' featuring a woman in a black leather jacket and the text '2 JAQUETAS POR R\$ 199,00'. The main content area is titled 'Intertextualidade' and contains the following text: 'A intertextualidade permite o dialogismo entre os diversos tipos de texto, sejam eles linguísticos, sejam extralinguísticos.' Below this, it says 'Publicado por: Luana Castro Alves Perez em Redação' and '0 Comentários'. There is also a small image of a yellow t-shirt.

Figura 1 – Conceito de Intertextualidade.

Fonte: <https://mundoeducacao.com.br/redacao/intertextualidade.htm>.

Acesso: 26/06/2018

Como podemos ver na figura 1, o título do portal deixa claro que o tema a ser tratado é a intertextualidade, mas o que nos chamou a atenção foi o subtítulo com a afirmação: “a intertextualidade permite o dialogismo entre os diversos tipos de texto, sejam eles linguísticos e extralinguísticos”.

Trata-se de um conceito, elaborado pela professora, que não se enquadra em nenhuma das concepções de intertextualidade discutidas anteriormente pela LT. Os vocábulos “linguísticos” e “extralinguísticos” expostos no conceito poderiam ser substituídos pela adequação aos termos “verbais” e “não verbais”. A LT atualmente adota a concepção de texto que envolve diversos e múltiplos aspectos (contextos e diferentes linguagens) que excedem ao que se compreendia como predomínio da língua (falada ou escrita), conferir Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64).

A intertextualidade não consiste no dialogismo entre textos, mas nas relações dialógicas entre textos, a intertextualidade permite o diálogo entre textos, e não o dialogismo.

Se levarmos em consideração a intertextualidade como “diálogos possíveis” segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), refutaremos esse primeiro conceito esboçado no subtítulo do fragmento 1, pois nos parece inadequada e confusa a afirmação de que a intertextualidade “permite o dialogismo entre os diversos tipos de textos”. Dialogismo é uma construção teórica bakhtiniana, termo criado por Fiorin (2016), e que não condiz com a condição conceitual do tema intertextualidade no âmbito da Linguística Textual, que aborda o conceito como “diálogo entre textos”.

Pelo que entendemos da afirmação “permite dialogismo entre textos”, a professora pode ter usado essa terminologia “dialogismo” aproximando-se daquele segundo conceito esboçado em Fiorin (2016), em que esse autor remete a ideia da intertextualidade como sendo a relação intertextual no plano da “materialidade” entre os diferentes tipos de textos. Acontece que a LT parte também do conceito mais amplo estabelecido por Khristeva (1974) em que a intertextualidade não se restringe a materialidade textual, mas constitui-se em relações dialógicas estabelecidas inclusive no plano discursivo.

Vejamos o que diz o outro conceito de intertextualidade (na figura 2) no subtítulo “você sabe o que é intertextualidade?” Surpreendeu-nos a resposta: “a influência de um texto em outro”.

A intertextualidade pode acontecer em forma de citação, paráfrase e paródia, implícita ou explicitamente

Você sabe o que é intertextualidade?

A intertextualidade é a influência de um texto sobre outro. Todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto, pois durante o processo de escrita acontecem relações dialógicas entre os textos que escrevemos e os textos que acessamos ao longo da vida. Esses textos previamente lidos são chamados de textos-fonte. Quer ver só um exemplo? Leia abaixo o

Mania Print
A Mania Print transforma roupas e acessórios básicos em peças cheias de charme. Confira!
Comprar

Facebook, Twitter, Google+, YouTube, RSS

Pharmacia Theriaga
Manipulação de Formulas Farmacêuticas. Qualidade comprovada há mais de 25 anos. Confira!
Saber Mais

Figura 2 – Conceito de Intertextualidade.

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>.

Acesso:26/06/2018

Ora, a intertextualidade não propõe a ideia de sobreposição de um texto em outro, o que ocorre é uma relação dialógica, e acrescentamos aqui que essa relação e diálogo entre os textos parece ser equitativa e não um texto sobreposto ao outro.

Em contínuo a explicação do conceito de intertextualidade, a professora diz ainda que “todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto”. Temos aqui, uma afirmação da intertextualidade exposta em Marcuschi (2008), quando revisita a denominação intertexto, a partir dos postulados teóricos de Maingueneau (1984). Koch (2016), e Koch, Bentes e Cavalcante (2012) também utilizaram esse termo “intertexto” com base no mesmo postulado marcuschiano.

Ainda sobre a análise dos conceitos, há uma redundância das afirmações no portal, ou seja, quando se relaciona o conceito da figura 1 (“a intertextualidade ocorre entre textos que podem ser linguísticos ou extralinguísticos”), com o conceito da figura 2 (em que a intertextualidade acontece pelas “relações dialógicas entre os textos que escrevemos e os que acessamos ao longo da vida”), essas afirmações estão confusas, pois a intertextualidade ocorre entre diferentes tipos de textos: verbais, não verbais e/ou mistos. Nesse último conceito da figura 2, a docente equivale o dialogismo a relações dialógicas, sendo que nas discussões bakhtinianas e na LT, ambos não são termos/expressões sinônimos.

No que diz respeito às categorias de intertextualidade elencadas no portal, na legenda da figura 3 tem escrito: “a intertextualidade pode acontecer em forma de citação, paráfrase e paródia, implícita ou explicitamente”.



A intertextualidade pode acontecer em forma de citação, paráfrase e paródia, implícita ou explicitamente.

Mania Print
A Mania Print transforma roupas e acessórios básicos em peças cheias de charme. Confira!
Comprar

Figura 3 – Categorias de intertextualidade

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 26/06/2018

Trata-se de uma tentativa de explicitar as categorias e classificações da intertextualidade *stricto sensu* propostas por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Acontece que não há explicações dessas categorias intertextuais da figura 3 no decorrer do texto do portal, e a professora também não relaciona essas categorias com os exemplos da figura 4, ela apenas afirma na legenda que “a partir dos textos-fontes, outros textos são criados”.

Os exemplos da figura 4 demonstram que há uma relação intertextual entre o poema “Quadrilha” e o texto verbo-visual do cartaz. A primeira categoria intertextual que podemos ver no intertexto do cartaz é intertextualidade *stricto sensu* explícita, na modalidade de citação, de acordo com o exposto em Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Contudo, esse tipo de intertextualidade explícita ocorre também no plano da forma e função estabelecida entre os dois gêneros textuais/discursivos – o poema em prosa “Quadrilha” e o cartaz.

Figura 4 – Exemplos de intertextualidade

Fonte: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 26/06/2018

O gênero textual/discursivo poema em prosa “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade (figura 4) é uma narrativa poética que conduz o leitor a uma cena de faroeste caboclo dos amantes. Provavelmente, essa inferência possa ter levado o produtor do cartaz à sua reescrita intertextual e intergenérica, que remete à procura de pessoas criminosas, amantes que cometeram o crime de amar outras diversas pessoas.

Os exemplos expostos na figura 4 se aproximam da categoria *intergenericidade* proposta por Marchuschi (2008), que considera a hibridização ou mescla de gêneros como um componente de uma tentativa de identificação do próprio gênero textual/discursivo.

O cartaz, entendido aqui como um novo gênero, foi criado a partir da relação intertextual/intergenérica estabelecida entre o texto-fonte “Quadrilha” e as informações de buscas expressas nas linguagens verbais e visuais do cartaz. Embora Marcuschi (2008) não vislumbrasse uma abordagem de estudo dos gêneros relacionada aos textos não verbais, ratificamos a nossa posição de que a intergenericidade pode ocorrer em gêneros com textos multissemióticos. O texto do cartaz configura-se na forma e na função de um poema narrativo, de modo a confundirem-se hibridamente.

Ainda nesta mesma linha de raciocínio, podemos dizer que os exemplos da figura 4 também podem vincular-se a categoria de intertextualidade em sentido amplo, elaborado por Koch (2016), e designado posteriormente em intertextualidade *lato sensu* em Koch, Bentes e Cavalcante (2012). As autoras tratam da subclassificação “intertextualidade genérica” (onde as relações intertextuais estabelecidas ocorrem a partir da forma composicional, conteúdo temático e estilo dos dois gêneros distintos), parecida com o que Marcuschi (2008) denomina de “intergenericidade”.

Na figura 5, diferentemente da figura 4, a docente chama a atenção para outra intertextualidade exposta em uma relação dialógica dentro do intertexto da música “flor de idade” de Chico Buarque, em que o texto-fonte aparece explicitamente no final da letra da canção, na última estrofe, com nomes diferentes dos personagens.

Agora observe o diálogo entre o texto-fonte, que é o poema de Drummond, com a música Flor da Idade, de Chico Buarque:

A gente faz hora, faz fila na vila do meio dia
Pra ver Maria
A gente almoça e só se coça e se roça e só se vicia
A porta dela não tem trameia
A janela é sem gelosia
Nem desconfia
Ai, a primeira festa, a primeira fresta, o primeiro amor
Na hora certa, a casa aberta, o pijama aberto, a família
A armadilha
A mesa posta de peixe, deixe um cheirinho da sua filha
Ela vive parada no sucesso do rádio de pilha
Que maravilha
Ai, o primeiro copo, o primeiro corpo, o primeiro amor
Vê passar ela, como dança, balança, avança e recua
A gente sua
A roupa suja da cuja se lava no meio da rua
Despudorada, dada, a danada agrada andar seminua
E continua
Ai, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor
Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa que
amava Paulo que amava Juca que amava Dora que amava
Carlos amava Dora que amava Rita que amava Dito que
amava Rita que amava Dito que amava Rita que amava
Carlos amava Dora que amava Pedro que amava tanto
que amava a filha que amava Carlos que amava Dora
que amava toda a quadrilha.



Figura 5 – Canção “Flor de idade”

Interessante ressaltar que, no interior do intertexto da figura 5 não se tem a intergenericidade, pois não houve a mesclagem ou hibridização dos gêneros transformando-se em um novo gênero. A intertextualidade expressa no final da letra da canção “flor de idade” (figura 5) conduz o leitor a construir o sentido do texto, pois encena a descoberta dos vários amores com que o eu-lírico se perfaz ao longo da vida. Esse é um caso típico de intertextualidade explícita na modalidade citação, utilizada como argumento para reforçar a compreensão de que entre os vários amores do eu-lírico apenas um o marcou eternamente.

Neste último exemplo da figura 5, a intertextualidade na canção “flor da idade” ocorre na modalidade de citação e indica-nos que o eu-lírico jamais se distanciou daquele que seria seu verdadeiro amor de juventude.

Reforçando a ideia de que a intertextualidade se manifesta por diferentes tipos de textos, a professora expôs ainda a intertextualidade do poema “Quadrilha” com a canção “Espinho na roseira/Drumonda” da banda Karnak, como vemos na figura 6.

Os descompassos do amor, as frustrações e a tragédia pessoal das personagens do poema *Quadrilha*, publicado em 1930 na primeira obra de Drummond, *Alguma Poesia*, ecoam também na música *Espinho na roseira/Drumonda* da banda Karnak:



Figura 6- Canção “Espinho na roseira”.

Fonte: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l4rO9mUcINg>. Acesso: 26/06/2018

Logo abaixo transcrevemos algumas estrofes da letra da canção para demonstrarmos a intertextualidade com o poema de Drummond, uma vez que não houve explicações sobre essa relação intertextual no portal.

Espinho Na Roseira / Drumonda
(Banda Karnak)

Tem espinho na roseira
 Oi cuidado vai cortar a mão
 (8x)
 Pedro Alcântara do Nascimento
 Amava Rosa Albuquerque Damião
 Pedro Alcântara amava Rosa
 Mas a Rosa num amava ele não
 Rosa Albuquerque amava Jorge
 Amava Jorge Benedito de Jesus
 E o Benedito, bendito Jorge
 Amava Linda que é casada com João
 E o João, João sem Dente
 Amava Carla, Carla da cintura fina
 E a Carla, linda menina
 Amava Antônio Violeiro do sertão
 E o sertão vai virar mar
 E o mar vai virar sertão
 (8x)
 E o Antonio, cabra da peste
 Amava Julia que era filha de Odete
 E a Odete amava Pedro
 Que amava Rosa que era prima de Drumon
 E o Drumon era casado com Maria
 Que era filha de Sofia, mãe de Onofre e de José
 E o José era casado com Nazira
 Que era filha de Jandira, concubina de Mané
 E o Mané tinha dezessete filhos
 Dez homem e seis menina e o que ia resolver
 E o rapaz tava já na adolescência
 Tinha brinco na orelha e salto alto pra crescer
 Tem espinho na roseira
 Oi cuidado vai cortar a mão
 (...)
 Compositor: Andre Abujamr

A professora, depois de expor os exemplares de gêneros, conclui com a afirmação de que a intertextualidade “não precisa ser necessariamente de um mesmo gênero. Se você não conhecesse o texto fonte (...), você não perceberia sua influência” no intertexto.

Viu só? A intertextualidade é exatamente essa relação dialógica entre dois ou mais textos, que não precisam ser necessariamente de um mesmo gênero. Se você não conhecesse o texto-fonte, isto é, o poema *Quadrilha*, você não perceberia sua influência sobre as músicas de Chico Buarque e da banda Karnak. É por esse motivo que a interpretação textual não depende apenas do conhecimento do código, que é a língua portuguesa, mas também das relações intertextuais que influenciam de maneira decisiva no processo de compreensão e de produção de textos.

Figura 7- Explicação da intertextualidade.

Fonte: disponível em:

<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 26/06/2018.

Mais uma vez parece que estamos diante da afirmação de sobreposição de um texto em outro, o que também é desnecessário, pois há uma relação intertextual, onde o texto-fonte não se sobrepõe ao intertexto, pois a intertextualidade encontra-se na canção em uma relação no mesmo plano textual/discursivo.

Corroboramos as afirmações da professora (figura 7) de que “as relações intertextuais influenciam de maneira decisiva no processo de compreensão e de produção de textos”, embora ela não tenha explicado como isso ocorre a partir da intertextualidade entre a canção “Espinho na roseira/Drumonda” e o poema “Quadrilha” de Drummond.

A canção “Espinho na roseira/Drumonda” recorre ao tratamento intertextual dos versos do poema narrativo “Quadrilha” de Drummond. A intertextualidade dessa canção com o poema dilui-se em todo o texto, diferentemente da intertextualidade na canção “Flor de Idade” (figura 4), em que podemos percebê-la no final dos versos.

A intertextualidade na canção “Espinho na roseira/Drumonda” também é explícita na modalidade de citação, inclusive um dos personagens, denominado Drumon, faz referência ao poeta o qual a canção intertextualmente se relaciona.

Assim, constatamos que os termos, conceitos e categorias do tema intertextualidade foram explicados nas figuras do portal web educativo *mundoeucação.bol* de modo confuso e sucinto. O conceito está atrelado à noção de dialogismo, e, em outro momento é explicado como relações dialógicas, entretanto, ambas as expressões não são sinônimas.

A professora, embora tenha reforçado a ideia de que a intertextualidade é um mecanismo textual gerador de sentidos e que se revela imprescindível, tanto para produção, quanto para a compreensão dos textos, deu a entender que na intertextualidade os textos-fontes se sobrepõem ao intertexto, o que discordamos completamente.

As categorias de intertextualidade apenas foram mencionadas na parte debaixo da legenda da figura 3, sem nenhuma explicação que levasse em conta os exemplares de texto e gêneros expostos no portal.

Apesar da abordagem sucinta e confusa sobre a intertextualidade, percebemos a preocupação da docente em reforçar a ideia de que a intertextualidade ocorre em diversos textos e exemplares de gêneros distintos, embora não tenha respaldado teoricamente as suas explicações didáticas. Além disso, observamos que, embora distintos, os exemplares de textos e gêneros nas figuras são predominantemente literários, que denota uma certa contradição.

Essas análises proporcionam uma aproximação com o pensamento de Marcuschi (2008) quando afirma que textos, gêneros e discursos se imbricam de tal forma, que ao estudarmos a intertextualidade, parece impossível desvinculá-la do estudo dos gêneros, e também dos discursos.

Acreditamos que seja importante as explicações didáticas das categorias de intertextualidade nos portais, o que não ocorreu no portal *mundoeucação.bol*, pois as categorias/tipologias norteiam a compreensão da intertextualidade como fenômeno textual/discursivo gerador de sentidos.

Considerações finais

O fenômeno da intertextualidade é um dos temas mais recorrentes em portais educacionais de ensino de Língua Portuguesa. Esse recurso midiático, por vezes, consiste em um dos meios mais procurados pelos professores para a busca de informações e elaboração de suas aulas. Acreditamos que os portais web educativos não devem explicar teoricamente essa temática de modo simplista, e destoante dos conceitos propostos no âmbito da Linguística Textual.

No portal “mundoeducacao.com” os conceitos e as categorias da intertextualidade não foram abordados adequadamente através dos exemplos expostos nos fragmentos do portal, o que comprometeu a discussão sobre a intertextualidade como fenômeno importante para a construção de sentido dos textos. Parece que houve uma preocupação em demonstrar os conceitos da intertextualidade e as respectivas categorias com base em textos prioritariamente literários, assim como ocorria nos primórdios das investigações intertextuais.

Acontece que atualmente a Linguística Textual investiga diversos tipos de textos (verbais, não verbais, mistos), e a intertextualidade se manifesta de modo distinto nesses diferentes tipos e variados gêneros textuais/discursivos.

Ademais, preocupa-nos o fato de que esses portais web educativos possam repassar informações didáticas desvinculadas de um aparato científico necessário ao ensino de Língua Portuguesa. Por isso, nossa proposta é ampliar esta pesquisa a fim de investigarmos em outros portais web educativos com temática de ensino de Língua Portuguesa como ocorrem as explicações teóricas desse tema intertextualidade, importantíssimo para a didatização em sala de aula.

Notas

¹ Consideramos o portal web educativo como suporte veiculador de diversos gêneros.

² A intertextualidade abordada em Marchuschi (2008) atrela-se eminentemente a noção de relações entre gêneros abordadas na obra “Gêneros do discurso” de Bakhtin (2016) quando este descreve uma relação horizontal e vertical entre gêneros primários e secundários.

³ As autoras não abordaram um conceito, mas ratificamos a ideia de que a *intertextualidade temática* seria a presença de um tema ou assunto que se encontra num determinado texto e é explorado em um outro texto cujas temáticas sejam próximas.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*. Campinas: IEL, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO, Valdinar Filho. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do Gelne*. Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-70, 2010.
- _____. PIÈGAY-GROS, Nathalie. Introduction à l'intertextualité. Paris: Dunod, 1996. /tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe. *Jundiaí/SP: Intersecções*, Ano 3, N. 1, 2010, p. 220-230.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éd. du Seuil, 1982. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Miriam Vieira. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- KOCH, Ingedore. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *Delta*, Ano 7, N. 2, 1991, p. 529-543.
- _____. BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOZDZENSKI, Leonardo. A intertextualidade no video clipe: uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva. *Contemporânea*, vol. 7, nº 2, p. 02 - 33, 2009.
- SANT'ANNA, José Afonso. *Paródia, paráfrase e companhia*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

Para citar este artigo

BISPO, Mirna. Dos conceitos às categorias de intertextualidade no portal web educativo "mundoeducacao.com". *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 673-690, maio-ago. 2019.

O autor

Mirna Bispo é mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Membro do Grupo de pesquisa GETEXTO (UESPI 2018, 2019...). Possui Pós-Graduações em: Metodologias inovadoras aplicadas à educação: ensino de Língua Portuguesa pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF); Psicopedagogia Institucional (IESF); Direito Público (Faculdade Unyleya). É graduada em Letras - Língua Portuguesa- pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UniFSA). Professora efetiva da disciplina de Língua Portuguesa no estado do Maranhão. Atualmente, desenvolve pesquisas na área de Linguística Textual, Letramento, Gêneros textuais/discursivos. E-mail: mirnabvs@gmail.com.